

Ismael dos Santos

PERSEVERANÇA:

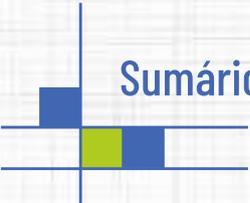
a rainha das virtudes

— Autobiografia —



*“Abre a tua boca a favor daqueles que não podem se defender.
Proteja os direitos de todos os desamparados.
Fale por eles e seja um juiz justo.
Proteja os direitos dos pobres e necessitados”.*

Provérbios 31.8,9



Sumário

1. Aviso aos navegantes.....	4
2. O legado de papai.....	5-6
3. Sonhos de criança.....	7-9
4. Construindo a própria família.....	10-11
5. A paixão pelo púlpito.....	12-13
6. Como surgiu o CTV.....	14-16
7. Os caminhos da política.....	17-22
8. O universo fascinante da literatura.....	23-25
9. Uma tentativa de epílogo.....	26
10. Fatos & Fotos.....	27-55

1. Aviso aos navegantes

O propósito deste texto não reside em tecer reflexões, defender conceitos ou compartilhar experiências de vida. A meta será bem singela: apenas registrar cronologicamente os principais fatos que sinalizaram minha modesta biografia.

2. O legado de papai

Aprendi cedo que, nos percursos da existência, precisamos saber chorar e sorrir; porém, jamais desistir. A primeira lição chegou com a própria história de meu papai, Pastor Nirton dos Santos.

Meu avô paterno, Tibúrcio, faleceu quando papai tinha apenas dois anos. Seis anos depois, minha avó, Maria, foi encontrada enforcada em cima da pequena cama de papai. Órfão aos oito anos, ele se tornou um menino de rua, lutando incansavelmente para sobreviver nas praças e becos de Joinville.

Entretanto, aos 17 anos ele teve uma experiência com Deus: *“Numa noite de Sexta-Feira-Santa visitei um pequeno templo da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Entendi que precisava receber a Cristo como meu Senhor e Salvador. Eu pouco sabia do que significava uma jornada de compromisso com Jesus, mas estava certo de que a vida nunca mais seria a mesma depois daquela noite”*, recorda papai.

Após servir ao Exército, ele se casou com uma joinvillense. Mamãe, Isabel Maria, proporcionou a papai a felicidade de desfrutar pela primeira vez do prazer de ser acolhido por uma família. Mesmo tendo apenas seis meses do ensino fundamental, ele se destacou na construção do porto de São Francisco do Sul; depois, aceitou o convite para trabalhar em um comércio de material de construção em São Bento do Sul;

em seguida, atuou na indústria têxtil: *“Por muitos anos eu trabalhei a noite na facção São Bento. Saía da fábrica às cinco horas da manhã, dormia duas horas e tomava o caminho da roça, onde plantava milho, feijão e batata. Nos dias de culto eu dormia um pouco à tarde para poder participar das reuniões: primeiro, como músico e, na sequência, como um cooperador voluntário da igreja”*.

Finalmente, em 1959, papai ingressou em tempo integral no corpo eclesiástico das Assembléias de Deus. Sessenta anos de sacerdócio, dos quais 27 como Presidente da Convenção das Assembléias de Deus em Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, chegando ao posto de Vice-Presidente das Assembléias de Deus no Brasil. Eu, embora nascido em Blumenau, cresci acompanhando a família em pelo menos seis cidades (Canoinhas, Chapecó, Criciúma, Lages, Itajaí e, novamente, Blumenau), mesclando culturas, emoções e sempre conhecendo novas fisionomias.

De papai recebi o legado do temor a Deus, da rigorosa disciplina com a agenda, da paixão pelas Escrituras Sagradas e, parece-me, do jeito de pregar. Sem o seu exemplo de fé e perseverança não chegaria onde cheguei. A ele, meu eterno reconhecimento. Dizia ele que a morte é a última estação para a liberdade. Embarcou para a eternidade num sábado cinzento do inverno de 2020.

3. Sonhos de criança

— *O senhor deve estar brincando?! Quer matricular um filho que já morreu?*

Papai levou um susto. Olhou para o documento que a diretora de uma escola em Lages lhe devolveu, conferindo o nome: Ismael dos Santos. Ocorre que se tratava da certidão de óbito de meu mano.

Sou de uma família de dez irmãos; porém, fiquei entre dois falecidos. Antes, outro Ismael; depois, a Miriam. De fato, o mano Ismael morreu em Timbó, cinco dias após ao seu nascimento. Um ano depois, eu nasceria numa casa no bairro Vila Nova, em Blumenau. Mamãe gostava tanto da história bíblica de Ismael, filho de Abraão e Hagar, que não titubeou em colocar o mesmo nome: *“Deus sempre escuta”*, justificava mamãe, referindo-se ao significado hebraico do meu nome.

Não tive as melhores notas no ensino fundamental. O que me ajudou na carreira acadêmica se deve muito mais a organização e a disciplina auto-imposta do que a inteligência.

Aos 12 anos, apaixonei-me pela música. Ganhei um trompete e por uma década toquei em diferentes bandas e orquestras. Mais tarde, sonhei em ser cantor. Lembro do primeiro troféu que conquistei no Festival Interno da Canção (FEINC) e, em seguida, um outro troféu no Festival da Juventude Cristã (FEJUC), ambos em Lages.

Contudo, sem uma orientação vocal e por abraçar outros desafios, o sonho atingiu no máximo a gravação de um CD na companhia de alguns amigos. *Canções Inesquecíveis* se tornou um álbum para ajudar ações sociais em diferentes regiões de Santa Catarina. De qualquer forma, preciso confessar: entrar num estúdio profissional e ouvir a própria voz sendo gravada, foi uma sensação singular, agradabilíssima.

Ainda na adolescência sonhei em ser aviador. Colecionei milhares de imagens e reportagens sobre o mundo da aeronáutica. Arrisquei fazer um teste para a Academia da Força Aérea de Pirassununga. Não fui aprovado; então, decidi voar em outros céus.

Tornei-me um devorador de livros. A Biblioteca Pública de Lages passou a ser um lugar predileto. Comecei lendo toda a obra de Júlio Verne e Monteiro Lobato. Tempos depois, senti-me atraído para as ficções e biografias evangélicas. Em paralelo, decidi escrever todos os dias uma página de caderno relatando minhas atividades, aventuras e reflexões.

Durante quinze anos persisti neste hábito. Devo muito da minha vontade de produção textual às centenas de anotações registradas nos diários manuscritos na adolescência e juventude.

Aos 14 anos conheci o meu primeiro trabalho fora de casa. Contratado por um escritório de contabilidade, passei a conviver com notas fiscais, carimbos e livros contábeis; à noite, o Colégio Diocesano me equipava com novas ferramentas intelectuais e, é claro, novos sonhos.

Aos 17 ingressei no curso superior de Administração (UNIPLAC); depois, busquei também formação no curso de Letras (FURB); fiz uma pós-graduação em Comunicação (FURB), e Mestrado e Doutorado em Literatura, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina.

O dia mais emocionante da minha jornada acadêmica ocorreu em 2006, após defender a Tese de Doutorado, ouvindo a banca publicar a nota máxima: “A” *com louvor*.

Para o menino que claudicava com notas baixas no ensino fundamental, a conquista traduzia um belo troféu de superação.

Devo muito a Doutora Odília Carreirão Ortiga (*in memoriam*) que, por preciosos oito anos, orientou-me pacientemente.

4. Construindo a própria família

Aos 15 anos, conheci Denise. Foram seis primaveras de namoro. Tempo bom. Tempo de mergulhar no mundo das emoções. Tempo de refletir sobre o que ser no futuro. Tempo de aprender a amar e a ser amado. Casamos em 1986.

A vida a dois sempre será uma escola sem diploma. Todo dia aprendemos com os acertos e os equívocos. Quatro anos depois, nasceria o nosso primeiro filho, Israel. Quando chegamos ao décimo ano de casamento, nasceu a Deise.

Não raro a vida permite que nossos sonhos se realizem na vida de nossos filhos. Após uma frustrada experiência eleitoral, decidi ir embora do Brasil. Vendi o carro que possuía e, com mais três amigos, coloquei a mochila às costas. Ficamos dois meses na Europa e no Oriente Médio. De lá segui viagem sozinho para os Estados Unidos. Passei apenas dois meses tentando ganhar à vida na terra dos dólares; mas, para mim também *“os pássaros de lá não gorjeiam como os daqui”*. Retornei às origens.

Entretanto, o sonho que não concretizei de morar nos Estados Unidos, o meu filho Israel realizou. Com apenas 15 anos partiu para a América do Norte, onde permaneceu por três longos anos. Dominou o idioma e se especializou em música. É um exímio guitarrista.

De lá rumou para uma temporada de seis meses na França. Dominou com facilidade o idioma de Bonaparte e fez também a sua conquista: o coração de uma francesa, com quem casou três anos depois.

Sintetizo meu apreço pelo casal que gerei na dedicatória anotada em um de meus livros: *Israel e Deise, filhos amados, em vossos olhos florescem sonhos*. Procurei motivá-los à ingressarem numa universidade. Israel optou por Administração e Comércio Exterior; Deise, Jornalismo.

Anos depois, chegariam os netos do casamento franco-brasileiro: Anthony e Heloise.

Atualmente residindo na França, eles me fazem sofrer com a tirania das saudades.

5. A paixão pelo púlpito

Por alguns anos mantive em rádio e televisão o programa *Voz e Ação*; mas no campo da oratória minha paixão maior sempre foi pelo púlpito.

28 de novembro de 1982. Não dá para esquecer esta data. Pela vez primeira, ministrei um sermão em um congresso de jovens. A mensagem? *Vidas em Chamas*. Meia hora de pura adrenalina. Hoje, três décadas depois, contabilizo mais de cem títulos ministrados em milhares de templos no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos; porém, especialmente, em mais de 250 municípios de Santa Catarina.

Costumo anotar lugar, tema e tempo de cada pregação; acumulo pelo menos três mil horas de púlpito. Os resultados? Definitivamente acho deselegante numerar quantas vidas se aproximaram de Cristo, reconciliaram-se com Deus ou, de alguma forma, sentiram-se edificadas pelas pregações que ministrei. Mesmo porque, tenho falado para grupos pequenos, em templos do interior com menos de uma dezena de ouvintes; mas, também, já falei para multidões de dez mil pessoas. Para mim, tais números não importam. O que me deixa satisfeito reside em saber que na mensagem procurei ser sincero com as minhas convicções, busquei honrar a Deus e conduzir o auditório à reflexão. Tudo isso temperado com tempos diários de oração, meditação na Palavra e absoluta cautela na missão de ser referência para as futuras gerações.

Por falar em compartilhar convicções, dediquei mais da metade dos meus anos ao ensino de disciplinas cristãs. Mesmo tendo freqüentado apenas um curso médio em Teologia (FAETAD), aprendi com papai a ser um autodidata no campo das ciências bíblicas. Assim, ajudei a fundar o Seminário Pentecostal de Massachusetts; depois, colaborei na implantação da ETEBLU (Escola Teológica de Blumenau) e participei como co-fundador da ETEBRAS (Escola Teológica Brasileira). Por vários anos ministrei aulas de hermenêutica na EETAD, no Centro de Treinamento Missionário Vida e em centenas de escolas bíblicas por todo o país.

6. Como surgiu o CTV

Quando casei, aos 21 anos, eu e Denise tomamos a decisão de que investiríamos tempo, energia e recursos no auxílio a pessoas carentes na periferia de Blumenau. Começamos ajudando no Lar Betânia, uma creche fundada pelo meu “guru” na área social, o saudoso Pastor Woldemar Kinas. É dele a frase lapidar: *“Quem não investe na criança, hipoteca o futuro”*.

Em seguida, surgiu o projeto para construir uma comunidade terapêutica, buscando abrigar jovens dependentes de substâncias químicas. Reuni amigos e voluntários, visitei instituições similares em todo o país e, finalmente, em 1992 surgiu o Centro Terapêutico Vida (CTV). Nas últimas duas décadas, passaram mais de dois mil jovens por esta instituição. O programa terapêutico consiste em nove meses de acolhimento e a casa possui capacidade para 30 internos. Conseguimos reunir uma excelente equipe técnica: assistentes sociais, psicólogos e monitores.

Os acolhidos que permanecem na totalidade do programa (nove meses) atingem um índice de 60% de reabilitação da dependência química. Em 2010, passei o bastão do comando do CTV, tornando-me um colaborador à distância.

De fato, ao assumir a presidência da Comissão de Combate e Prevenção às Drogas da ALESC, ampliei minha atuação nesta área, buscado contribuir para a formulação de novas políticas públicas neste complexo desafio das drogas. Em 2011, visitei 70 comunidades terapêuticas em Santa Catarina e organizei audiências públicas em todas as regiões do Estado, desenhando uma radiografia das drogas em nossos principais municípios. Os relatórios, devidamente anotados, e o paralelo com as informações obtidas junto à Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), revelaram números assustadores: 700 mil dependentes de álcool; 180 mil estudantes do ensino fundamental e médio fazendo uso esporádico de drogas ilícitas; e, 70 mil usuários de crack em terras catarinenses.

O Governador Raimundo Colombo visitou comigo algumas instituições de tratamento a usuários e imediatamente acionou os Secretários da Saúde, da Assistência Social, da Segurança, da Justiça e Cidadania e os membros do Conselho Estadual de Entorpecentes para, juntos com a Rede de Saúde Pública, aprimorar as políticas de atendimento aos dependentes de substâncias psicoativas.

Acredito que a minha maior contribuição neste campo se traduz no projeto de financiamento do Governo estadual de 700 vagas em quase uma centena de comunidades terapêuticas. Uma bandeira que, hasteada no Parlamento, julgo ser uma das mais importantes iniciativas para reduzir os números negativos da segurança pública e para socorrer

milhares de famílias que vivenciam a trágica experiência de ter um de seus membros mergulhado no submundo das drogas.

Nos primeiros seis anos do Programa Reviver, o Governo catarinense patrocinou o acolhimento de mais de 20 mil dependentes químicos em comunidades terapêuticas.

7. Os caminhos da política

Do envolvimento com as demandas sociais à experiência política, o caminho se revelou extremamente curto.

Porém, aqui, mais do que em qualquer outra área de minha modesta biografia, há uma palavra que precisa ser soletrada com todas as letras: p - e - r - s - e - v - e - r - a - n - ç - a. Basta lembrar que disputei onze eleições: perdi quatro, ganhei seis e, costumo dizer, empatei uma.

Tudo começou com as eleições para vereador em 1988. Três meses antes das eleições recebi o convite de um candidato a prefeito. Filiei-me ao seu partido e caí na estrada. Sem experiência, sem estrutura e com menos de 90 dias de campanha o resultado se mostrou pífilo: não cheguei a 500 votos.

Eis o desapontamento que me fez deixar o Brasil por quatro meses; mas, como já anotei, o sonho político não me deixou em paz nos Estados Unidos. De volta a Blumenau, mergulhei na leitura de biografias de estadistas vencedores, aprendi estratégias e retornei à estrada. Colhi um excelente resultado: o segundo vereador mais votado nas eleições de 1992, com quase dois mil votos.

O primeiro discurso na tribuna da Câmara de Vereadores de Blumenau, eu nunca esquecerei: breves cinco minutos defendendo um orçamento maior para as políticas públicas de financiamento a programas voltados à criança e ao adolescente.

Dois anos depois, um novo erro de estratégia político eleitoral: a candidatura precoce à Assembléia Legislativa; o resultado, desanimador: pouco mais de dez mil votos; entretanto, no pleito seguinte à Câmara de Vereadores, fiquei novamente entre os três mais votados.

O envolvimento com as demandas sociais do município levou o Prefeito Décio Lima a convidar-me para assumir a Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente. Mesmo contrariando a decisão do partido em que estava filiado na época, aceitei o desafio. Como a legislação eleitoral permitia, durante os dois anos que comandeí a SECRIAD, fiquei sem vínculos partidários. Valeu a pena apostar no social. Consegui implantar mais de 20 programas, atendendo diretamente cinco mil crianças em Blumenau. Faria tudo de novo. E a população aprovou, reconduzindo-me pela terceira vez ao legislativo municipal, desta vez como o campeão de votos daquela eleição, com 3.324 eleitores.

Em 2002, uma nova aventura eleitoral. Apesar do fracasso na primeira tentativa para uma vaga na Assembléia Legislativa, tomei coragem e encarei uma nova eleição. O resultado saiu até no Jornal Nacional da Rede Globo: tornei-me o candidato mais votado em Santa Catarina, com 59.563 votos, mas não eleito. Faltou legenda. Estava num partido pequeno e, com uma interpretação do Superior Tribunal Eleitoral em meio ao pleito, não poderia estar coligado com outro partido. Ganhei, porém não levei.

Após 12 anos na Câmara de Vereadores, sentia-me cansado;

afinal, além de legislar, fiscalizar, discursar e coordenar mutirões de pavimentação de ruas, eu chegava a atender 20 pessoas por dia no Gabinete. Sabia que era hora de um “ano sabático”. Dar oportunidade a uma nova geração de vereadores; entretanto, como não queria abandonar a política, restou-me uma única alternativa: ser candidato a Prefeito, mesmo sabendo da remota possibilidade de vitória. Nesta época, elaborei um refrão que utilizo para motivar minha equipe: *Quem não tem estrela, tem que ter estrada!*

Eu e o Leo Bittencourt, candidato a Vice-Prefeito, visitamos mais de mil residências e percorremos a pé uns 20 corredores de serviço, levando a nossa proposta de governo à cidade. Partido minúsculo, dinheiro zero (não conseguimos recursos sequer para contratar um único cabo eleitoral). Para produzir os cinco minutos de horário eleitoral na televisão, vendi o meu único patrimônio, um automóvel. O gostoso eram os debates; modéstia à parte, eu e o ex-Deputado Federal Wilson Souza (também candidato a Prefeito), nos saímos muito bem. Mas política é muito mais que emoção e discursos. É matemática. Entre os seis prefeituráveis, fiquei em terceiro lugar, com 20 mil eleitores. Dez minutos após o resultado oficial eu já estava de cabeça erguida, dando uma entrevista na TV Galega, compartilhando os meus próximos projetos políticos.

Porém, 24 horas foram suficientes para fazer a “ficha cair”.

Com o fim do mandato de Vereador – em menos de 90 dias –, eu estaria desempregado. Pensei em abandonar a arena política. Poderia optar pelo magistério ou por uma carreira eclesial. Mas a voz interior não cessava de sussurrar: *a perseverança é a rainha das virtudes*.

Recebi um convite do então Senador Raimundo Colombo: coordenar as ações do seu Gabinete no Vale do Itajaí. Topei a idéia e durante dois anos atuei como assessor parlamentar ligado ao Senado Federal.

Na eleição seguinte para Deputado Estadual, lá estava eu. Como havia sido o campeão de votos da eleição anterior, fui vencido facilmente pela estratégia dos adversários que insistiam com os eleitores: *“O Ismael já está garantido; foi o mais votado na eleição anterior, não será diferente agora”*. A velha história do “já ganhou”, anunciada aos quatro cantos, produziu mais uma vítima: conquistei 25.938 votos, tornando-me o sétimo suplente da Coligação. Desta vez não resisti às lágrimas. Talvez tenha sido a derrota eleitoral que mais doeu; mesmo assim, em dois anos assumiria pela primeira vez o cargo de Deputado Estadual na condição de suplente. Permaneci no Parlamento catarinense por 18 meses. A experiência mostrou-se elementar para mudar positivamente minha concepção de fazer política: passei a adotar ferramentas científicas e estratégias profissionais. Pronto. Era tudo o que eu precisava para as próximas eleições: uma vitrine que me proporcionasse visibilidade e me devolvesse a autoestima.

Quem não tem estrela, tem que ter estrada!

Visitei Câmaras de Vereadores, Prefeituras, ONGs, escolas, igrejas, comunidades terapêuticas, associações de moradores. Sempre ouvindo lideranças políticas, entendendo as demandas das diferentes regiões, escrevendo, distribuindo livros e fazendo três, quatro, cinco palestras por semana.

E, então, nas eleições de 2010, o resultado superou qualquer expectativa: 55.644 eleitores que me fizeram o sétimo candidato mais votado para a Assembléia Legislativa, com votos em 286 dos 295 municípios de Santa Catarina. Sim, após quatro tentativas para conquistar uma vaga no Parlamento de Santa Catarina eu podia olhar para trás e exclamar: valeu a perseverança, porém, valeu muito mais a promessa de Deus.

Na verdade, eu tinha 15 anos quando fui participar de uma palestra para jovens num templo da Assembléia de Deus do bairro Guarujá, em Lages; na ocasião, o convidado era o Pastor João Amaral, de Ponte Serrada. Ao final da sua prédica, ele veio até onde eu estava e sussurrou uma mensagem profética nos meus ouvidos. Entre as muitas coisas que me disse, registro duas frases: *“O teu chamado será diferente do chamado dos teus irmãos. Eu te colocarei em lugar de destaque neste Estado, assim diz o Senhor Deus”*. Palavra proferida. Palavra guardada a sete chaves. Palavra cumprida 30 anos depois. Deus é fiel!

O Palácio Barriga-Verde, sede do Parlamento catarinense, tornou-se a minha segunda casa. Mergulhei em discursos, projetos de lei,

atendimento a prefeitos, vereadores e lideranças vindas de todas as regiões de Santa Catarina. E, como sempre, quatro anos de muita estrada. Então, nas eleições de 2014, seria reconduzido à Assembleia Legislativa com 66.818 votos, o terceiro candidato com o maior número de votos, entre quase 500 candidatos. Conquistei votos em 291 municípios.

Mais trabalho, mais estrada e mais uma eleição: 2018. O tsunami Bolsonaro parecia que iria varrer todos os políticos tradicionais. Não me intimidei. Valeu a folha de serviço. Tornei-me o quarto deputado mais votado naquela eleição, com 54.165 votos.

Praticamente três décadas no Legislativo (três mandatos como Vereador, três como Deputado Estadual e quase meio mandato na condição de Suplente de Deputado). Todos sabem, ao legislador cabe produzir leis, fiscalizar as ações do Executivo e intermediar as demandas da população, sobretudo, com proposições, discursos na Tribuna, manifestações públicas, entrevistas e emendas impositivas no orçamento anual

Como agradecer faz bem ao coração, anoto aqui que o sucesso nos degraus da política eu devo a Deus, à família, àqueles que fizeram parte das equipes de trabalho – sempre enxutas; porém, eficientes –, e aos amigos eleitores, de todas as idades, crenças, raças, de cada cantinho da minha bela e amada Santa Catarina.

E, então, chegou a hora que eu sempre protelei: uma candidatura a Deputado Federal. Tomada a difícil decisão, organizamos um roteiro de 30 pré-lançamentos em todas as regiões de Santa Catarina, debatendo o "Brasil que temos e o Brasil que queremos". As 20 horas do dia 2 de Outubro de 2022 o TER anunciou o resultado das eleições gerais no país: eu estava eleito com 110.531 votos para assumir uma cadeira na Câmara Federal, tendo conquistado eleitores em todos os 295 municípios do estado catarinense.

Como agradecer faz bem ao coração, anoto aqui que o sucesso nos degraus da política eu devo a Deus, à família, àqueles que fizeram parte das equipes de trabalho (sempre enxutas; porém, eficientes), e aos amigos eleitores, de todas as idades, crenças, raças, de cada cantinho da minha bela e amada Santa Catarina.



8. O universo fascinante da literatura

Alguém disse que escrever um livro consiste na experiência mais próxima de se gerar um filho. Talvez seja; de qualquer forma, um livro sempre será, metaforicamente, um filho. Desde que publiquei minha primeira obra, *Adoração em Chamas*, em 1986, pela CPAD do Rio de Janeiro, decidi escrever pelo menos um livro a cada novo ano. E tenho conseguido.

Na verdade, escrever se tornou para mim um ato de responsabilidade social.

Primeiro foram livros devocionais, inaugurados em 1986 com *Adoração em Chamas* (CPAD, RJ); depois, *Para que todos Sejam Um* (Vida, SP) e *A Caminho da Maturidade* (CPAD, RJ); na sequência, mergulhei no campo da literatura ilustrada para crianças: *10 Parábolas de Jesus* (Sabida, Blumenau), *10 Milagres de Jesus* (Sabida, Blumenau), *Série Grandeza: virtudes gregas – cinco volumes* (Letra Viva, Blumenau).

Retomei à literatura evangélica com uma obra que fez sucesso em Santa Catarina: *Raízes da nossa fé*, narrando a história das Assembleias de Deus (Letra Viva, Blumenau); e produzi biografia: *Um apóstolo de crianças*, contando a trajetória do Reverendo Woldemar Kinas (GA, Joinville) e o bem-sucedido *Refúgio para um pardal* - biografia de papai (Nova Letra, Blumenau).

Na área política surgiu *Ética e Estética na Voz Parlamentar* (Câmara de Vereadores de Blumenau) e, no campo acadêmico, *Homens, raposas e uvas* (FURB, Blumenau); posteriormente, a PUC-RJ publicaria a minha Tese de Doutorado, *A transposição da fábula clássica*.

Criei também uma série denominada *Breves Notas*, publicada pela Nova Letra, de Blumenau: *O discurso apologético na pós-modernidade; Atos 29; Em cada conto um novo conto; Jeitinho brasileiro; A terra da história bíblica; À procura de Deus; O nascimento de uma nação; e, Percursos do processo educativo*.

Particpei, ainda, de três coletâneas: *Ultrapassando Barreiras*, com o texto *O teste da unidade* (Vida Nova, SP); *Momentos com Deus*, com 90 devocionais de minha autoria (SBN, Blumenau) e *Comunidades Terapêuticas, Inovação e Perspectivas* (Editora Insular), escrevendo sobre a reabilitação de dependentes químicos como um projeto de governo.

Apaixonado por ficção, cedo decidi escrever focando o público jovem: *No esquina do pacificador* (Letra Viva, Blumenau); *A Igreja da Rua 37* (Letra Viva, Blumenau); *Mediterrânea, a imaginação não descarta a possibilidade* (Letra Moderna, Blumenau); *Bilhete no Muro* (Nova Letra, Blumenau); *Pedro Lapidada* (Volante, Blumenau); *Na Trilha do Tibet* (Volante, Blumenau); *Deserto Noturno* (Volante, Blumenau) e *A Fantástica Visita ao Paraíso* (Volante, Blumenau).

Para não esquecer o público infantil, escrevi um livro com a participação de uma das melhores ilustradoras do Brasil, a artista

Mônica Papescu, com o título *O Barquinho Azul* (Volante, Blumenau) e, mais tarde, *O Detetive P7* (Volante, Blumenau).

Quantos leitores eu conquistei? Seria arriscada qualquer projeção; porém, esta meia centena de obras atingiu mais de 500 mil livros publicados. Não amealhei nenhum prêmio ou mesmo o reconhecimento da academia; entretanto, não raro tenho sido surpreendido com elogios inusitados dos meus leitores. Certo dia, recebi uma carta de alguém que encontrou minha obra *Adoração em Chamas* em uma livraria na ilha chinesa de Macau. Gratificante!

Além dos livros, publiquei centenas de artigos em jornais e revistas. Registro também meu compromisso em distribuir periodicamente, desde 1992, o boletim informativo *Voz & Ação*, buscando informar meus eleitores de minhas atividades parlamentares.



9. Uma tentativa de epílogo

Perdoe-me o leitor por tantas datas e informações periféricas. Como anotei na introdução, meu desejo nestas linhas não foi o de expor minhas ideias (o que fiz, sobretudo, em minhas obras devocionais e de ficção). Meu compromisso, aqui, residiu simplesmente em registrar cronologicamente fatos que marcaram distintas áreas da peregrinação.

Ao concluir, faço minhas as palavras de um dos poetas mais lido entre os cristãos, o salmista Davi:

*Ó Senhor Deus, eu não sou orgulhosa;
deixei de olhar os outros com arrogância.
Não vou atrás das coisas grandes e extraordinárias,
que estão fora do meu alcance.
Assim, como a criança desmamada
fica quieta nos braços da mãe,
assim eu estou satisfeito e tranqüilo,
e o meu coração está calmo dentro de mim.
Ponha a sua esperança em Deus, o Senhor,
agora e sempre!*

Salmo 131

10. Fatos & Fotos





A casa onde nasci, em 16 de julho de 1965. Bairro Vila Nova, Blumenau.



A primeira fotografia, aos cinco meses.



Em Chapecó, aos quatro anos.



Com meu irmão Joel, aos seis anos, em Chapecó.



Em Criclúma, aos dez anos.



Com oito anos, a primeira visita à capital dos catarinenses.



Aos quinze anos já arriscava participar de congressos de juventude, em Criciúma.



Com o mais menor, na pré-adolescência em Lages.



Aos oito anos, curtindo a infância em Criciúma.



Aos 13 anos, desfilando com a banda do Colégio Diocesano de Lages.



Aos 16 anos, numa apresentação da Banda Lobos Celestes, de Lages.



Namorar é preciso! Aos 17 anos, com Denise.



A primeira participação como pregador oficial de um Congresso de Jovens, no bairro Popular, em Lages.



Em 1932: orador da turma do Curso de Auxiliar de Administração, Colégio Diocesano, Lages.



O casamento com Denise, em Lages, 1931.



A conclusão do primeiro curso universitário, Administração (FURB).



Bem-aventurado entre as mulheres: formatura do Curso de Letras (FURB).



Em 1996, o lançamento do primeiro livro, *Adoração em Chamas* (CPAD).



Aos dezesseis anos, perseguindo o sonho de ser cantor, no Festival da Juventude Cristã, em Lages.



Temos bone de brincar com a neve na fria
São Joaquim, em 1976.



Com 15 anos, o Batismo em Águas, em
liturgia ministrada por papaí, em Lages.



Aulas de hermenêutica para uma comunidade brasileira em
Boston, nos Estados Unidos, em 1990.



Escola Bíblica de Obreiros no templo sede da Assembleia de Deus, em Curitiba, 1998.



A primeira vitória na política: Vereador em Blumenau, 1992.



Papai e mamãe.



Meu sogro, Lauro, e minha sogra, Suzana.



Pela primeira vez nos Estados Unidos, dando uma de pintor para ganhar alguns dólares, em 1950.



No rigoroso inverno norte-americano, mas com o coração aquecido, em 1998.



A disputa pela Prefeitura de Blumenau, em 2004



Fiscalizando obras públicas nos tempos de Vereador, em Blumenau.



A família, na década de 1970.



A família, na década de 1990.

An outdoor advertisement for Ismael dos Santos' 2004 campaign. It features a photograph of a family (a man, a woman, and two children) sitting on a lawn. To the right of the photo is a list of three values: Paz, Saúde, and Prosperidade, each preceded by a small square icon. Below the list, the text 'em 2004' is written. At the bottom, a red banner contains the text 'São os votos de Ismael e família'. The entire advertisement is framed with a wooden border and a red and white checkered pattern in the bottom right corner.

- Paz
- Saúde
- Prosperidade

em 2004

São os votos de **Ismael** e família

Sempre apreciei "lançamentos de marketing", como este outdoor espalhado pelas ruas de Blumeras, em Dezembro de 2003.



O primeiro discurso na Câmara de Vereadores de Blumenau, 1992.



Lançamento do CD *Canções Inesquecíveis*, em 2000.



Apresentando o Programa televisivo Voz & Ação, em 1998.



Don Bernardino, amigo e conselheiro, na época Bispo da Diocese de Blumenau.



Uma aventura pelo mundo: mochila às costas e peregrinação por dois meses pela Europa e Israel.



Londres



Veneza



Paris



Barcelona



Mônaco



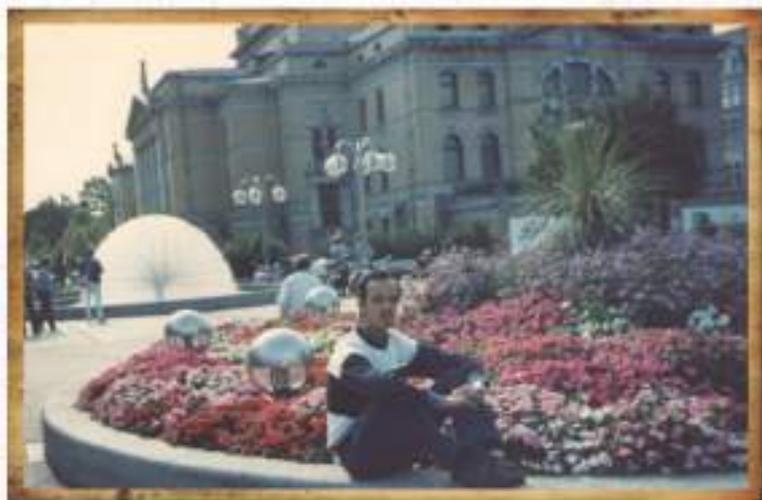
Luxemburgo



Holanda



Estocolmo



Oslo



Berlim



Dinamarca



Innsbruk Áustria



No Coliseu Romano, Itália.



Chegar a Jerusalém, estar no provável túmulo vazio de Jesus e ler um jornal, boiando nas águas da Mar Morta, compensaram a aventura à Terra Santa.



No desafio de escrever, a busca de boas entrevistas: com o norte-americano Virgil Schmitt, contando a sua experiência de ter sido prisioneiro do Cangaço Lamigão.



A banca de doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2006.



Buscando experiência política nos Estados Unidos: Parlamento de Boston, 2000.



Os debates na Assembleia Legislativa.



Plenário da ALESC na capital catarinense



O Centro Terapêutico Vida, em Blumenau.



Mais de duzentas palestras todos os anos



Com Denise, Israel, Suzanne, Deise, Anthony e Heloíse, 2016.

Ismael

DEPUTADO ESTADUAL

   @deputadoismael

 www.deputadoismael.com.br